



WILKER DOS SANTOS





onfissões

WILKER DOS SANTOS



volume I

REVISÃO
Jackson de Sousa Silva

CAPA & DIAGRAMAÇÃO
Wilker dos Santos

CONFISSÕES
Dos Santos, Wilker

1^a Edição
Novembro de 2018

DEDICATÓRIA

Decidi desde o primeiro rascunho de poesia, há uns sete anos, que tudo o que eu realizasse dedicaria a memória de minha mãe, Adriana Regina dos Santos. Assim eu o faço. Dedico esse trabalho a ADRIWIL, projeto que venho idealizando há um tempo.

Reservo esse espaço também para todas as pessoas próximas a mim, em todas as situações sempre me motivando e não deixando que eu desanimasse. Dentre as quais listo: a professora Anilda de Fátima Piva, Darlene Gonçalves Olsen, minha tia Simone Souza Santos, minha tia Socorro, fã dessa obra. Ao meu amigo Luiz Fernando de Oliveira.

Por último, a Lídia América, que compartilha seu universo comigo e me possibilita crescer intelectualmente e emocionalmente. Por todos os momentos que nos permitimos juntos.

SOBRE A OBRA

Quando tomei consciência de que, o ato de escrever é uma forma de empoderamento, decidi trabalhar e acreditar que as palavras que listo podem ser úteis e transformadoras na sociedade.

Essa série de textos intitulada “Confissões” nasce a partir dessa consciência. Consciência de que no Brasil ainda há muito conservadorismo, farisaísmo e pobreza. Essa pobreza, por si só, já engloba todos os aspectos negativos. Desde o espírito ao social das pessoas.

É por isso que, em algumas situações, os personagens estarão frente a frente com o preconceito, a intolerância e as injustiças sociais. O hospital particular fictício, MediVida, é uma ponta do iceberg entre o privado e o público. Os enfermeiros da narrativa, de modo simples, representam a multifase da sociedade.

Enfermeiros e pacientes são nesses doze capítulos a mentalidade desse século, as contradições, os conflitos ideológicos. Dessa forma, penetram temas como: religião, ateísmo, amor, ódio, família, de- pressão, corrupção e hipocrisia.

Acredito na série “Confissões” como uma forte ferramenta de diálogo com o nosso momento histórico, político e social.

1

LIGAÇÕES INDESEJADAS

O ônibus corre pelo o asfalto. Lidia eleva o braço para ver as horas em seu relógio. Volta a observar a janela, do lado de fora do ônibus muita gente transitava pela calçada. Alguns riam, outros pareciam nervosos ao telefone e tinha também aqueles que pareciam estar cansados. Com o fone em seu ouvido, reproduzindo a música "Emboscada" da cantora Pitty, ela respira fundo e decide voltar os olhos para a apostila de Farmacologia.

O ônibus faz suas paradas como de rotina. Ela não liga para quem está entrando ou saindo do coletivo, exceto quando sua atenção é chamada pela beleza e formosura do corpo de uma mulher ou de um homem. Porém, todo mundo nota sua presença, seu uniforme branco grita a sua identidade de enfermeira.

Era constrangedor tanta gente se encarando sem nunca terem se visto na vida. Os poucos centímetros de uma pessoa a outra era insuficiente para aproximá-las. Nem um "olá" era possível. Lidia tinha o pensamento de que "cada cabeça é um mundo" e no mundo dela, mesmo ao atingir o ápice da profissão, havia um rancor e um vazio em seu ser. Aumenta

o volume do rock em seu ouvido e finalmente desce do coletivo.

O sol às nove da manhã, naquela quarta-feira, já era escaldante. Lidia era muito observadora, e quando o farol fechou para os pedestres, pôs-se a analisar as pessoas do lado oposto da rua. Tentou adivinhar quem seria o primeiro a ter um problema de saúde. Acabou indo pelo senso comum, entre uma criança e uma idosa, ficou com a senhora de idade. O sinal finalmente abre para os pedestres. A multidão, que havia dos dois lados, se cruza. As pessoas desviam-se uma das outras. A probabilidade de uma colisão de pessoas é a mesma de carros, basta que alguém falhe ou o sistema pare.

No meio da avenida o sistema nervoso de uma senhora apagou. Cabelo grisalho e pele desgastada pelos anos, uma idosa tombava no concreto. A multidão parou e pediu socorro. Lidia, que já havia passado para a outra calçada, tira os fones e corre para o meio da multidão.

- Se afastem todos! – Grita ela.

Checa o pulso e vê que as batidas cardíacas eram regulares. Tratava-se de um desmaio. Lidia precisa ordenar novamente para que as pessoas se afastassem. Agora os motoristas também desciam para matar a curiosidade. A enfermeira eleva levemente as pernas da senhora caída no chão, um pouco acima do coração para restaurar o fluxo de sangue. Nesse momento, de dentro da multidão, surge um homem também indicando ser enfermeiro pelos trajes tradicionais.

Agachando-se próximo a Lidia, a quem já conhecia:

- Nossa, você está dando uma de "mulher maravilha", aparecendo para salvar as pessoas em estado crítico nos principais pontos da cidade?

- Se assim fosse, eu viria voando e não de ônibus. Agora você tem carro, é o batmóvel? – Ironicamente responde ao

seu colega de trabalho, Leandro.

Lidia e Leandro são enfermeiros de um hospital particular e prestam os primeiros atendimentos em uma ambulância.

- Senhora? Tudo bem? Qual é o seu nome? – Lidia pergunta para a mulher que ia abrindo os olhos. A velha atordoada arrasta as palavras:

- SU – E – LI... Onde estou?

- A senhora sofreu um desmaio. Vamos levá-la ao hospital e assim teremos um acompanhamento preciso.

Enquanto Lidia falava, o celular de Leandro começa a tocar "Cálice" de Chico Buarque. As pessoas o olham e antes de atender ele confessa que a mulher dele era culta e gostava que o toque do celular fosse aquele.

- Alô!

- Bom dia Leandro! É o André. Está tudo bem? Estamos atrasados para sair com a ambulância, só eu e o Jonas estamos aqui. Não consegui falar com a Lidia. Você está chegando?

- Lidia está ao meu lado. Tivemos um imprevisto e estamos cuidando de uma idosa que desmaiou no meio da rua.

A colega pede o celular para falar.

- André, uma senhora desmaiou e ainda está atordoada.

Precisamos levá-la para a unidade de atendimento.

- Certo Lidia! Já acionou o SAMU?

- Eu disse para o nosso hospital!

- Mas ela tem convênio médico?

Lidia era uma jovem impaciente e responde de modo irônico ao supervisor:

- Não sei, mas já olhei os bolsos e não achei nada de valor!

- Lidia, sou eu quem mais quer ajudar, sou médico! Mas nossa unidade não irá atender só por um desmaio que já foi revertido.

-Eu já estou bem minha filha, posso ir.

- Precisamos cuidar dos seus ferimentos ocasionados na queda e ver se não houve lesões mais sérias devido a sua idade.

Sueli ri:

- Pode deixar! Eu mesma me cuido... Tenho câncer diagnosticado e não há mais tempo para tratar.

O sentimento de Lidia foi de revolta em quantidade maior do que já possuía.

- Por que está andando sozinha? Cadê sua família? A senhora não pode perambular sem acompanhante. A senhora não se revolta?

- Eu não estou sozinha, estou indo me encontrar com meu marido no hospital da cidade. E meu filho está a passeio em Nova York.

Para Lidia era difícil aceitar a situação de modo tranquilo. Precisava explodir seu ódio interno, mas aquela idosa era muito tranquila para ser a possibilidade dessa concretização.

- Leandro, eu e o Jonas estamos saindo com a ambulância para um chamado – avisava no alto-falante do celular, André, o médico e supervisor deles – cuidem-se você e a Lidia. Até mais tarde!

O SAMU chega à Avenida do Jaguaré, no local do ocorrido e leva Sueli.

O dia passaria rápido demais e Lidia só conseguiria analisar as coisas com mais calma em casa, após chegar da faculdade. O relógio apontava 23h15min. Uma taça de vinho na mesa e o aparelho de som reproduzindo "People in Planes" de Light For The Deadvine. Era o momento nostálgico da enfermeira. Seu celular toca.

- Alô!

- Oi, Lidia! Eu estou sozinha em casa, aqui tem boa música e vinho... – Uma voz feminina a convidava para uma noite

excitante.

Em outro ponto da cidade, Leandro estava parado em um bar. O celular não parava de tocar "Pai, afasta de mim este cálice!". A pessoa que ligava era insistente. Até que o colega bêbado no balcão se irrita:

- Atende esse telefone! Que música ruim!

Leandro, que estava tentando evitar a mulher, tira do bolso o aparelho e escuta:

- Oi amor. Eu te liguei várias vezes! Vai demorar muito para chegar? Tenho uma notícia...

Jonas, outro enfermeiro, liga o celular, e diferente dos colegas não possuía nenhuma ligação. Porém, embaixo da sua porta havia um convite de casamento.

Rafaela e Humberto se casariam.

- Pelo menos ela não me ligou para falar do casamento! – suspira ele.

O médico André estava colocando o filho de dois anos na cama para dormir, quando recebeu uma chamada. Uma voz abatida e trêmula:

- Oi pastor. Minha mãe morreu hoje. Pode fazer a oração amanhã cedo?

TENTAÇÃO

O dia amanhecia indicando tempestade a qualquer hora. As nuvens acinzentadas, o sol que não aparecia. Por volta das seis da manhã as primeiras gotas caíam, obrigando a todos a abrir o guarda-chuva.

André desce do carro, pega a bíblia e prende-a em sua cintura por baixo de sua capa de chuva amarela. Entra no salão onde se fazia o velório, saúda pessoa por pessoa e inicia o sermão.

- A vida é curta e nós devemos vivê-la sempre da melhor forma, cuidando-nos para que, quando contemplarmos a morte possamos entregar o espírito a Deus, que nos deu. A morte não é o fim, ela é a transição do sofrimento que conhecemos para a felicidade que esperamos. Agora, nossa irmã está nos braços do Pai e para a família, eu oro que Deus os conforte.

No meio do choro das pessoas que ali estavam André eleva a voz para orar. Seu celular vibra. Era mensagem do Hospital MediVida informando que a ambulância já tinha um chamado e estava saindo. Lidia, Jonas e Leandro estavam à bordo. Após encerrar o rito fúnebre o médico volta para o carro. A chuva aperta e do jeito que ela estava iria atrasá-lo

ainda mais. Ele abre a bíblia e lê em voz alta como se tivesse alguém o escutando: "Fugir da aparência do mal".

Em outro ponto da cidade, estavam na hora do almoço Gabriel, diretor de uma empresa e seu sócio, Rodrigo. A conversa distraída amenizava a tensão que pairava sobre os negócios. Os altos impostos e a crise política e financeira no país colocavam-nos em alerta. A garçonete os atende:

- O que irão beber?
- Eu beberei uísque... Pegar pesado logo cedo! – Rodrigo gargalha.
- Para mim, pode ser um suco natural de manga – responde Gabriel.

A garçonete anota e se retira para solicitar o pedido. Rodrigo fica admirado com a escolha da bebida do companheiro.

- Ué! Está "light" agora? Nas sextas-feiras têm tomado leite para dormir? – gargalha novamente o sócio.

- Eu andei tendo problemas com bebida e conversei com minha esposa. Prometi que evitaria o álcool e estou aqui no primeiro dia de tentação – dá uma risada indicando certo desconforto.

André chega para almoçar no refeitório do Hospital, vê sua equipe a mesa de canto, serve-se e senta-se junto.

- Eae, galera! Vocês estão com uma cara de velório, parece que vieram de um funeral. Está tudo bem?

- Estou cansada, apenas isso! – responde Lidia.
- Essa é minha cara normal, está tudo bem. – fala Jonas.
- Pessoal, eu preciso dizer que me tornarei pai. Minha esposa me contou ontem. – na vez de Leandro.

Todos na mesa sorriem e o parabenizam, mas ele não demonstra nenhuma empolgação. Lidia quer saber detalhes da quantidade de semanas da gestação

Ela quer saber se o colega prefere menino

ou menina, mas Leandro tenta desconversar.

- Filhos são bênçãos, Leandro! – afirma André.

O enfermeiro somente olha para André e não interage com tais palavras do médico. Querendo desviar o foco da mesa, vira-se e questiona Jonas novamente.

- Está tudo bem mesmo? Você não largou o celular essa manhã toda.

Jonas em um tom desanimado:

- Está tudo bem... É só uma amiga que irá se casar.

Lidia se intromete:

- Essa amiga é aquela você deixa como foto de capa do celular?

Jonas se irrita:

- Você mexeu no meu celular?

Leandro solta a gargalhada:

- Já entendi. Você está sofrendo por amor? – Ri ainda mais e acrescenta – Cara, não faça isso. Tantas mulheres no mundo! Preciso te levar a um lugar para você ser feliz, tantas mulheres que você terá para escolher...

André reserva-se e somente escuta o que os enfermeiros dizem. Olha para Lidia e imagina que ela saiba mais da vida noturna de um homem do que ele. André, 33 anos, casado há uma década, menino criado na tradição cristã, não tinha tanta malícia.

Levantam-se da mesa.

- André? Posso conversar com você? – Pergunta Leandro.

Lidia e Jonas seguem de volta para o trabalho. Aquela tarde seria calma e de céu aberto, diferente do tempo pela manhã. O celular de trabalho da equipe ambulatorial só tocaria ao cair da noite. Precisavam atender ao chamado de atendimento em uma residência no Morumbi. Havia um homem desmaiado e uma mulher ferida. Os quatro descem da ambulância rapidamente, atravessam o jardim da casa e

na porta são recepcionados por uma jovem com ferimentos graves no braço direito.

- O que aconteceu? – pergunta André, adentrando a sala.

Jonas vê o corpo de um homem tombado perto do sofá, sua cabeça ensanguentada, cacos de vidro para todos os lados, aponta para Lidia e Leandro que, rapidamente vão prestar o socorro.

- Eu e meu marido brigamos, ele me feriu no braço e na hora da dor e da raiva acabei jogando uma jarra contra ele! – Diz a mulher apavorada.

- Essas brigas são recorrentes? – questiona André.

- Gabriel é uma excelente pessoa. Mas quando bebe se torna outra pessoa, fica facilmente irritado e é ciumento. Já faz três meses que tem sido rotinas de discussão e algumas vezes agressões por causa da bebida.

Lidia, impulsiva como era, questiona:

- E você ainda está com ele?

- Sim, eu o amo!

- Afinal, quem não amaria alguém que paga todo o seu luxo, atendimento médico a qualquer hora e ainda permite seus amantes. Não é? – a enfermeira diz de forma irônica, enquanto checa o pulso do desmaiado.

Leandro arregala os olhos para André, parecia sentir familiaridade com tal situação. A senhora fica atordoada com a grosseria da enfermeira, mas percebe que Lidia tinha provas do que estava falando. Quando Gabriel caiu no chão, espalharam-se de seu casaco algumas fotos íntimas entre sua esposa com um amante.

- Lidia, preste atenção ao seu trabalho! – chama atenção André.

Mesmo com a chamada de atenção do médico, a mulher insultada ameaça:

- Cuidado menina! Peixe morre pela boca...

Jonas e Leandro colocam Gabriel na maca, levá-lo-iam para descartar possível traumatismo craniano. O paciente acorda e antes de ser retirado da casa diz à esposa:

- Desculpa, Karina eu te amo!

A mulher chora. Não iria junto devido ter de ficar com o filho de cinco anos.

A ambulância desliza pelo o asfalto. A noite trazia uma forte chuva.

Gabriel conseguia ter uma conversa consciente na ambulância, apesar da dor e da tontura. Os enfermeiros adentram as portas do hospital para o Raio-X.

André aguarda os exames para a conclusão do tratamento e assim dispensar a equipe por aquele dia. Por sorte, para o empresário Gabriel, os ferimentos eram superficiais. Sua dor seria tratada com analgésicos, porém, dentro de poucos dias sua maior dor de cabeça viria de ações do governo prejudicando sua empresa e os negócios.

Os enfermeiros se despedem do trabalho. Lidia beija o rosto de Jonas e diz:

- Se gosta dela, você deve falar antes do casamento! Mas se quiser deixar parecendo coisa de filme, pode deixar para a hora do "fale agora ou cale-se para sempre".

O enfermeiro ri. Gostava de Rafaela, mas não achava que o sentimento da amiga era recíproco.

Leandro só voltou para casa após a meia-noite, depois de uma parada de três horas no bar, precisava de um relaxante para entrar em sua própria casa.

André pega o carro no estacionamento. No ponto de ônibus em frente ao hospital, vê sua funcionária esperando o ônibus. A chuva continuava a cair.

- EL, LIDIA! ENTRA NO CARRO, EU TE LEVO!

Lidia, sem o uniforme era ainda mais bonita. 26 anos, corpo assimétrico, cabelo ruivo, pele lisa e branca, a cintura

encorpada, sintonia perfeita com os seios de tamanhos médios. Mulher de chamar atenção.

Ela entra no Seratto preto. Consegue convencer André a deixar as músicas da Rádio KISS ao invés do CD gospel. Eles riem a viagem toda. Na porta da casa dela:

- Você está entregue! – O médico brinca.

Quando dirige os lábios ao rosto dela, sente ainda mais perto o perfume e a temperatura do corpo maravilhoso de Lidia. Controla qualquer pensamento inoportuno, mas Lidia era muito experta e deu a boca para ser beijada. André hesitou, mas Lidia não. Os lábios se envolveram, por segundos ele sentiu os seios dela colados ao seu corpo.

- Para! – Ele a empurra – Você precisa parar de ser tão impulsiva, isso vai te prejudicar muito!

Lidia pede desculpa e desce rapidamente do carro. André fica perturbado com o que havia acabado de acontecer. Encosta a cabeça no volante e ali fica até conseguir absorver a situação e seguir viagem.

Quando enfim chega a casa, vê as luzes todas apagadas. As crianças e a esposa estavam dormindo. Ele senta no sofá. Não consegue relaxar. Inesperadamente, a esposa toca-o nos ombros como já em uma forma de carinho e massagem.

- Dia difícil amor?

Ele se assusta, mas retomando ao sentimento maior: o de remorso. Diz:

- Preciso conversar com você Marina...

3

CONTRATO SOCIAL

O despertador tocava. André, ainda sonolento, desliza a mão sobre a cômoda para desligar o alarme, mas não o acha facilmente. Precisa abrir definitivamente os olhos e se desespera ao ver que Marina, sua mulher, não estava na cama. Ele chama e a vê entrar no quarto segurando uma bandeja com o café da manhã preparado. O médico fica sem jeito, sentia medo de perder o casamento devido à situação que tivera com Lidia. Marina, sentando na cama começa a beijar o marido:

- Fiquei tão feliz com a conversa de ontem que, acordei mais cedo e resolvi fazer esse café da manhã, algo que não tomamos juntos por causa da sua correria.

André sorri, porém em seu interior sentia-se constrangido. Ele não conseguira falar o que realmente precisava para a esposa. Quando foi falar do beijo que deu em Lidia, pensou no que poderia acontecer com o seu casamento, e tendo medo desviou a conversa para o interesse da mulher: o tratamento do tio dela, Erick, que descobrira ter câncer, além da esquizofrenia que já enfrentava por anos.

Enquanto isso, em um ambiente totalmente oposto a casa de André, sem café da manhã, sem conversas e sem

companhia, Jonas levanta da cama, vai ao chuveiro onde deixa a água quente cair em seu corpo. Um banho demorado. Quando termina, abre o Box, se enrola na toalha e pegando o celular senta na cama. Começa a digitar uma mensagem: "Nos conhecemos desde a época da escola, nos tornamos muitos amigos e quando eu fui ver, queria ser mais do que isso... Eu te amo e tenho profunda inveja de não ser o seu noivo!". Mas, Jonas em uma mistura de insegurança e medo da lembrança que tivera com Rafaela em um culto cristão onde sempre ouvia: "o que Deus uniu homem nenhum pode separar"; fez com que abandonasse no rascunho a sua declaração.

Toda a equipe da UTI Móvel já estava no hospital às 07:00 AM. E antes de saírem para o atendimento nos pontos de chamadas, André chamou Lidia para uma conversa em particular:

- O ocorrido de ontem, aquele beijo, não pode acontecer novamente! Somos colegas de profissão, sou seu superior e antes de tudo isso... Tenho uma esposa e dois filhos que amo muito.

Lidia embaranhada confirma que havia sido um descontrole de momento e que não seria repetido. Impulsivamente quis sentir o corpo de um homem sobre si, já que, suas últimas relações haviam sido apenas com mulheres.

Jonas e Leandro aguardavam o fim da conversa para entrar na ambulância e, nesse aguardo, o celular de Leandro toca "Cálice" de Chico Buarque. O enfermeiro revira os olhos de insatisfação ao ver o número da esposa.

- Alô!

- Leandro, você de novo deixou a toalha molhada em cima da cama! A pasta de dente aberta... – a mulher começa a reclamar.

- Você me ligou só para falar isso? – questiona o enfermeiro.

- Não! Também para perguntar o que você tentou escrever nesse bilhete. Letra horrível que não dá nem para decodificar!

- Eu farei horas extras aqui no hospital, foi isso que escrevi!

- Leandro fala e toca o ombro de Jonas animadamente como que a mentira houvesse funcionado.

Ele desliga o celular na hora em que a ambulância é ligada. A bordo os enfermeiros e o médico cortam as ruas de São Paulo rumo a uma escola infantil. Sirene ligada. O caso era simples, por isso, somente Lidia desceu do veículo para entrar na escolinha. Uma menina de quatro anos havia subido em uma árvore e de lá caído. Uma fratura no braço. A dificuldade era conter o choro da pequena Adrielle.

- Vocês não evitaram a subida da criança na árvore? – pergunta Lidia.

- Eu fui assinar algumas papeladas, pois estou com número reduzido de funcionários e quando me virei para olhar, ela já estava no chão machucada – responde a dona e professora da escolinha.

- Ah, sim. Claro! Os contratos sociais são sempre a maior prioridade – fala ironicamente a enfermeira.

- Você é muito mal educada, garota! – fala a diretora.

- É, deve ser por não ter sido alfabetizada aqui, e também não ter quebrado o meu braço! – responde sem pensar e, quando nota que estava se excedendo, tenta se recuperar – Desculpe, eu estou treinando você para enfrentar a mãe dessa criança.

- O seu dever é com a criança e não comigo! Faça seu trabalho!

A professora muito irritada deixa Lidia com a menina e vai até a ambulância procurando o supervisor da enfermeira. André tenta acalmar a professora, que reclama de sua

subordinada.

O choro da criança é contido e ela começa a falar que precisa voltar a subir na árvore para pegar uma frutinha. Lidia questiona o porquê daquela em específico e tem a resposta "se eu não conseguir, não vou ganhar presente do Papai Noel". Isso foi o que Caio, outra criança, falara para Adriele. "Você tem de conseguir pegar aquela frutinha para o Papai Noel te dar um presente".

Lidia ri da tolice das crianças, imobiliza o braço direito da menina e a leva para a ambulância. Quando ambas chegam ao UTI Móvel, se deparam com a cara de ódio da professora e da expressão séria de André.

- Jonas, cuide da criança, por favor! – Ordena André e, em seguida, continua firmemente – Lidia, eu não consigo mais te manter na minha equipe! Você será transferida para outro setor.

Leandro olha assustado para André. Lidia entra na ambulância, pega a mochila e diz que não voltaria com eles, faria seu almoço e seguiria sozinha para o hospital. A diretora da escolinha agradece a André. Eles fecham a porta da ambulância e voltam para a unidade do Hospital Mediveda. No caminho, os dois enfermeiros contestam André sobre a decisão de transferência da colega. O dia seria longo e tenso para todos eles.

Quando a noite caiu finalizando o turno de Leandro e Jonas, eles puderam respirar a liberdade de fazer o que quisessem com o tempo que tinham. Leandro não quis voltar para a casa e tocando o ombro de Jonas diz:

- Vamos, que eu vou te levar em um lugar para você ser feliz com a mulher que quiser! – gargalha ao entrarem em um bordel. Jonas nunca havia ido e tinha dificuldade para curtir o momento. As bebidas, as estripers, o erotismo faziam com que Leandro adorasse a noite, porém para Jonas

as horas com as garotas de programa rasgavam-lhe ainda mais os seus sentimentos e aumentava sua solidão. Um homem casado estava sendo feliz naquele momento com outras mulheres. E um homem solteiro estava sendo infeliz com outras mulheres, por que não era casado com a mulher que amava.

- Eae, Jonas! Muito gostosa essa morena, não? – incita Leandro.

Para não desapontar o amigo ele confirma, mas fala que para aquela noite estava muito preocupado com a saída de Lidia.

- Não esquenta! Eu tenho uma ideia. – Leandro dá um ar de suspense, tentando acalmar o colega.

4

MÉDICOS E ENFERMEIROS

André e Lucas estavam frente a frente, sentados numa mesa executiva, trancafiados por duas horas em uma sala administrativa do hospital. Jonas e Leandro foram impossibilitados de atender naquela manhã enquanto André estivesse naquela reunião. Lidia estava no departamento de Recursos Humanos, porém ela era o motivo do assunto de Lucas com André.

- Espero que tenha ficado claro para você André! Tive uma discussão essa manhã com a Aline Stainvascher, filha do dono e uma das donas do hospital. Ela proibiu o afastamento de Lidia. Sei que é uma enfermeira problemática, mas já avisamos a toda a coordenação, porém essa é a vontade de uma das donas do Mediveda.

André fica enfurecido, mas se contém e somente adverte:

- Exerci meu papel de liderança da equipe e estou afastando-a porque é o melhor para o hospital, mas se vocês não pensam assim, não me cobrem futuramente!

O médico sai da sala batendo a porta.

Poucos minutos depois, Leandro adentra e estende a mão:

- Lucas, eu quero te agradecer por ter vetado o André da

decisão que ele havia tomado.

Entretanto, Lucas não estende a mão de volta, e fala de modo franco:

- Não foi por você, foi por mim! Se não faço isso teria problemas sérios com a sua esposa! Agora, por favor, retire-se da sala... Tenho muito que fazer.

Leandro se sente incapaz e impotente, mesmo quando tomava uma atitude, sempre ficava à sombra da esposa Aline e isso com o tempo estava consumindo-lhe cada vez mais.

Na hora do almoço, André não quis sentar-se com a equipe, preferiu sentar com outros médicos, precisava absorver sua raiva com Leandro por ter se intrometido em uma decisão de gestão e envolvido a própria mulher para lhe vetar.

A tensão era tanta que não conseguia saborear a refeição composta por arroz, feijão, legumes cozidos e frango. Engolia sem mastigar enquanto ouvia as palavras de Ricardo, médico cirurgião:

- Você deveria se sentar mais com a gete. Ficar almoçando com enfermeiros, só dá cagada. Dos mais leves erros aos mais graves, eles esquecem seringa na cama dos pacientes, trocam medicação por falta de atenção, atrasam os horários dos remédios... A Paula é um grande exemplo do que digo!

João, médico clínico geral, balança a cabeça confirmando o que Ricardo havia dito e acrescenta:

- Além de serem muito fofoqueiros e tagarelas... Só tem uma coisa que não podemos negar: tem muita enfermeira gostosa!

Ricardo gargalha. Porém, André não acha engraçado e pensa "esse é o motivo por não sentar-me com eles, só falam besteira". É interrompido no meio de seus pensamentos por mais uma declaração:

- Ei, André... Já que fica tanto com a sua equipe, poderia

aproveitar e dar umas pégadas na Lidia!

Ricardo antecipa João e diz para respeitar André, um médico de fé, Deus e família. Só que, a partir daquele dia, o próprio André pensava que havia ganhado de presente dos céus uma equipe com um Judas, uma maluca e um depressivo.

Numa mesa afastada, enfermeiros conversavam também sobre o não se misturar com médicos. Paula falava mal de João, que não quisera participar do amigo secreto daquele fim de ano. "Esses médicos miseráveis ganham o dobro da gente e não tem vinte reais para participar."

Os noticiários daquela tarde tinham em sua pauta o confronto entre manifestantes apoiadores ao governo e os contras. Era para lá que a ambulância UTI Móvel estava a caminho. Antes de subir na ambulância, André havia orado pedindo a Deus para que pudesse suportar a situação com sua equipe, ele acreditava que devia amá-los apesar de todos os desentendimentos.

A ambulância corre, até o ponto que pôde, pelo o asfalto da Avenida Paulista. Sirene ligada. O bloqueio impossibilitava os carros de avançarem. Leandro é o primeiro a se irritar com a paralisação:

- Esses vagabundos ficam atrapalhando as nossas vidas!
Como que a gente trabalha assim?

- Na verdade, eles estão lutando por um país melhor! Por um governo voltado para atender a necessidade do povo – diz Jonas.

- Essas manifestações tem sido tão frequentes que só Deus pode ajudar, viu! – suspira André.

Lidia aproveita para confrontar o seu chefe:

- Deus ajudando ou não... Eu preciso fazer o meu trabalho que é socorrer pessoas!

O motorista, Eliezer, é orientado a seguir com a

ambulância pelo lado direito da pista onde estavam abrindo passagem. Lentamente avançava por duas multidões que se insultavam e desafiavam. O caso mais sério era de Cristiano e Fábio que trocaram socos e madeiradas, um atordoado e outro inconsciente esperavam os enfermeiros.

Jonas e André carregam o desacordado para dentro da UTI, enquanto Lidia e Leandro já lá dentro, limpavam o ferimento de Cristiano, que ao ver Fábio chegando trazido pela a equipe médica, levanta-se do banco e enraivecido ameaça:

- Se esse fascista, coixinha, entrar na ambulância eu saio e rejoito o atendimento! Não vou ficar no mesmo lugar que ele.

André atordoado com a gritaria de todos os lados, de esquerda: "fascistas, golpistas não passarão!" e de direita: "comunistas, pão com mortadela!"; se sente no meio de uma guerra, onde não há sentido curar pessoas que querem se machucar. Ele divide a equipe para o atendimento até o apoio de outras ambulâncias.

5

REENCONTROS

Ele se contorcia, suava e gritava dentro daquela escuridão. Ia até a porta trancada e socava-a implorando socorro. Não era medo. De alguma forma, ele já sabia que a cena iria ser recriada em sua cabeça. Mas o seu extinto fazia com que fugisse das chamas que havia se iniciado em seu colchão, do fogo que agora estava em seu armário. Os socos na porta eram ainda mais fortes, contudo o corpo de Erick já estava fraco e dessa forma, desaba no chão.

Acendem a luz de dentro daquela escuridão, destrancam a porta e7 de fora para dentro abrem-na. Um vulto vai até a janela e desliza as cortinas, voltam a apagar a luz da lâmpada, deixando somente a iluminação natural do dia. Mais um vulto entra e Erick sem conseguir enxergar direito sente-se sendo carregado por duas sombras do chão para a cama. Em seguida, injetam-lhe um licor amargo em sua boca. Eles saem. A porta é trancada novamente.

"Eles estão chegando, você precisa se preparar..." a voz fala com Erick, que nesse momento avista o seu perigo. Uma multidão com tochas acesas, pedras e correntes vêm ao seu encontro, "é hora de mandar para o inferno o bruxo!" gritavam. É hora de correr para a porta mais uma vez, só que

agora Erick estava amarrado pelos braços na cabeceira da cama.

André caminhava no corredor dos quartos psiquiátricos e, ao chegar à metade do caminho para o quarto de Erick, escuta vir de lá, um grito horripilante e perturbador. Enfermeiros correm à sua frente para ministrar um calmante. Tempo o suficiente para André fazer suas preces a Deus, pois precisaria de força e paciência para iniciar o tratamento de câncer no tio de sua esposa.

Quando os enfermeiros informaram a estabilidade de Erick para André, o médico definitivamente decidiu entrar na sala. A relação de ambos nunca havia sido boa, mas o que ligava um ao outro era Marina.

- Oi, Erick!

O esquizofrênico sentado na cama, não responde.

- Eu vim dizer que iniciarei o seu tratamento.

Tais palavras irritam o paciente.

- Foi a Marina ou a sua obrigação cristã que te fez querer me tratar? Eu quero um oncologista! E mesmo se você fosse um, não me trataria com você! – Erick afronta.

- Eu sei, mas irei dividir o caso com outro médico do meu hospital.

Erick coça a cabeça e injuriado diz:

- Não quero ser tratado por você! Eu te odeio... A Marina era tão feliz quando mais nova, brincava nas festas de família, bebia e dançava. Mas agora se tornou tão mesquinha quanto você que a aprisionou na religião.

- Erick, as pessoas mudam e tudo muda. Mesmo você, olha está ainda mais doente do que antes.

- Você tem dó de mim, não é? E agora quer fazer algo por mim, para ter a consciência tranquila, um dever cristão cumprido.

- Não é dever cristão, é amor ao semelhante, é uma

felicidade de viver para servir aos outros.

- Para o inferno todo esse seu discurso manjado sobre Deus, o bonzinho! Você é médico e deveria ser mais inteligente, não cair em contos de fadas.

- Entenda como quiser sobre o que acredito, mas esse pensamento sempre nos dá esperança em momentos difíceis.... Mas para você, o que resta?

- Se eu for curado do câncer ainda me resta à perturbação mental, só isso!

André estava diante da mesma pessoa que conhecera há quinze anos, só que agora com agravantes maiores: o câncer, a velhice e o rancor.

No hospital Medivida, à hora do almoço tinha um ambiente muito mais leve e descontraído do que aquele que André estava vivenciando. Lá, Jonas, Lidia e Leandro riam cada qual com sua piada. E estavam tão relaxados que não haveria estresse pelo resto do dia. A ligação de Aline para Leandro ordenando-o que comprasse adesivos para decoração do quarto do menino que nasceria, passaria indiferente. O furo que Jonas daria no compromisso com Lidia também não deixaria ninguém bravo.

De volta ao quarto psiquiátrico onde o clima era tenso:

- Eu pedi uma ressonância atualizada para ver o tamanho do tumor na sua cabeça, assim que me passarem o exame, irei falar com outro médico que nos passará a quimioterapia.

André levanta da cama para ir embora, mas Erick grita, causando um susto no médico. Ele volta os olhos ao tio da esposa.

- Ele vai morrer! Cuidado! Ele vai morrer...

André chama os enfermeiros ao observar o transtorno dele. Contudo, as palavras enfáticas de Erick ficariam em sua cabeça por semanas. "Ele vai morrer...".

No início da noite, saindo do hospital, Lidia relembrava

Jonas:

- Na minha casa, hoje às dez horas! Eu e a Natália estamos te esperando...

A bela mulher sorri, deixa o endereço e vira as costas.

Leandro liga sua moto Kawasaki, desliga o telefone, e acelera para uma longa e boêmia noite antes de chegar a casa.

Quando o ponteiro apontou as oito, André estava jantando com a esposa, que o consolava pelo longo dia no hospital psiquiátrico. Lidia, em seu apartamento, preparava junto com Natália cada detalhe para o erotismo que haveria de romper pela noite. Leandro, já tinha a companhia de estripers em cima da mesa. E Jonas, saindo do banho pega o celular onde lê a seguinte mensagem: "Oi, como você está? Vamos nos encontrar no shopping para bater um papo?". O emissor era Rafaela, a mulher a qual era apaixonado, a mulher a qual eram só amigos.

Às dez horas, Jonas estava arrumado e decidido. Ele tranca a porta do apartamento e sai para o convite que havia recebido. Os dois ao se encontrarem se abraçam, sentam à mesa e conversam sobre os gostos em comum. Rafaela era muito mais parecida com Jonas do que com o futuro marido. Mas ela estava feliz e o enfermeiro recém-formado conheceu naquele encontro o limite da relação que tinham. Adorando estar com Rafaela, mas já pensando no momento em que ficaria sem ela, ele olha o relógio que marcava uma hora da madrugada e por instantes em meio às conversas sem objetivos, esquece-a, imagina o que fazia Lidia e Natália àquela hora e tenta se arrepender de não ter ido encontrar-se com elas.

6

NÃO COMPARTILHADO

Seus olhos estavam paralisados perante o esplendor da natureza daquilo que tinha a oportunidade de vivenciar. Ele sentia a névoa em sua pele e já avistava os primeiros raios solares sobressaindo-se sobre as inúmeras nuvens que cobriam o céu pela manhã. O sol não tinha pressa em se elevar ao ponto principal da cena, por isso, as nuvens caminhavam devagar para liberar espaço ao céu azul e ao dia caloroso que seria.

Carlos Átila não tinha pressa, pois poderia ficar o tempo necessário para ver o completo nascer do sol e isso era um privilégio, se comparado as demais pessoas. Àquela hora da manhã a cidade começava a funcionar normalmente. Pessoas sairiam atrasadas de casa para seus compromissos, outras chegariam adiantadas. Algumas carregariam amor em suas vidas, mas também teriam aquelas com o ódio. Pessoas que gostavam de viver, pessoas que desejavam morrer.

Carlos sabia disso, senhor de idade, 65 anos e aposentado. Tomava como nova rotina, após os anos de serviço como gerente de tecnologia, as idas ao parque pela manhã onde em um caderno escrevia seus sentimentos, sua

observação sobre a vida. Às oito da manhã, quando muitos se trancafiavam em seus escritórios, ele em casa tomava o café da manhã. A tarde era dosada por leituras e escritas no caderno que gostava de carregar, além do seu momento no piano.

O ex-gerente de TI parecia ter atingido o nível de vida que qualquer um sonha adquirir: a liberdade para viver em seu próprio tempo. O aposentado sabia que havia feito grandes sacrifícios para a casa na Vila Madalena, os móveis de luxo. Classificá-lo como feliz seria de uma grande imprecisão. Há dez anos quando perdeu a mulher, acabou parando no tempo, se isolando do único filho. Sobrara-lhe apenas a empregada, Maria.

Em contraponto a rotina de Carlos Átila, as pessoas corriam tentando alcançar seus futuros. E dentre essas pessoas havia quatro que tentaria salvar-lhe a vida. Duas acordariam de ressaca da noite anterior. Elas também queriam compartilhar notas sobre o que pensavam, refletiam cada um de seu jeito em postagens no facebook.

JONAS OLIVEIRA

"Seria feliz se ela soubesse o quanto eu realmente gosto dela, e mais ainda, se eu soubesse que ela gosta de mim e mudasse de ideia. Para ter uma surpresa é necessário desfazer o laço do embrulho. Queria que tu desfizesse os laços em sua vida, pois ai conseguiria ser o seu presente."

O enfermeiro melancólico, pela manhã, levantava de sua cama. À noite passada com Rafaela fortalecia ainda mais a amizade com a amiga, mas isso lhe deixava cada vez mais triste.

LIDIA MOREIRA

"Sempre dizem que se eu continuar nessa vida, não viverei muito mais. Porém, a idade 27 é algo tão simbólico para mim quanto 33 foi para Cristo. E sinceramente, mais de 27 anos em bebidas, drogas e prostituição, enjoa, não é."

A enfermeira não aguentava mais os sermões que recebia da família pelo telefone e dos vizinhos de apartamento.

Maria, a empregada de Carlos, queria saber o que seu patrão pensava, sentia ou o que ele desejava, porém o diálogo era muito simples. O aposentado escrevia, mas ninguém lia. A empregada tinha curiosidade em saber do que se tratava tanta escrita. Diário ou poesias? A única chance que teve se apresentaria em forma de tragédia. Carlos sentado em frente ao piano começa a tocar "Hallelujah" de Leonard Cohen, do acorde sol para o dó, sua consciência perde o ritmo.

O aposentado cai do banco para trás, era um infarto. Maria desesperada grita no telefone por socorro. O médico André convoca com urgência os enfermeiros. Leandro com o celular na mão é o mais lento a subir na ambulância, estava terminado de escrever sua postagem:

LEANDRO STEINVASCHER

"A sociedade é engraçada. A menininha de Copacabana levantou as mãos e agradeceu a Deus por ter conseguido com que o seu negócio corrupto desse certo. Já o maluco da vila, teve que agradecer por não ter conseguido emprego e ainda provar que estava grato teve que depositar cinco reais na conta do pastor. Incrível, como quando as coisas dão

certas se trata da vontade de Deus,e quando dão erradas é devido não ter sido a permissão dele."

A caminho da Vila Madalena, Leandro veria a postagem da própria mulher, essa postagem lhe deixaria furioso para discutir quando chegasse em casa. Contudo, o dia seria muito mais longo e triste do que podia imaginar.

ALINE STEINVASCHER

"O mundo está trabalhoso a cada ano que entra... mulher pegando mulher, homem trepando com homem. Negro que quer mais cotas. Quando nascer o meu filho vou ter que explicar primeiro sobre o errado, para só depois ensinar a ele o que é correto."

O estado clínico de Carlos Átila era muito grave.

– Rápido, o desfibrilador... Se afastem! Um... Dois... Três.

O corpo recebe a carga elétrica das placas do aparelho e com o impacto salta na maca. Tentam uma, duas e três vezes. Ele não reagia. A ambulância corria para o hospital e outro carro corria para alcançar a ambulância. Estevão dirigia e era instruído por Maria, ele tentava acompanhar o pai naquelas últimas horas.

A ambulância entra ligeiramente no pátio do Hospital MediVida, os enfermeiros de fora abrem as portas da ambulância e se deparam com a mão de Lidia sinalizando calma. Naquele momento, para os médicos, só restava calma. Para Estevão restava à informação da hora do óbito. Maria chorava, Estevão estava emocionado.

Os próximos passos seriam o funeral, a limpeza da casa onde o pai morava e a demissão da empregada. O caderno

do pai? Ficaria com Maria que não sabia ler. O filho não gostava de leitura. E aquele dia terminaria com André em casa, ao lado de sua esposa, onde postaria:

ANDRE MARQUES

"Dos passos de uma formiga numa tempestade à dor de um moribundo, Deus sabe de tudo. Ele sabe. Ele se apresenta. Deus chega a nós não como um escape, mas como a própria essência."

Leandro, o enfermeiro negro, veria a sua esposa branca já dormindo. Fecha os punhos e vai em direção à cama.

ME AJUDA!

Havia apenas um contexto, porém as cenas e os objetos que a compunham eram muitos. Um objeto estava a quilômetros de distância do outro, separado por inúmeras casas, mas se juntas, dariam a única interpretação: destinos traçados. Um copo cheio de água sobre a mesa de madeira, as seringas jogadas no chão, a parede de gesso branco agora deformado e sujo, constituíam o mesmo significado para os enfermeiros; sérios problemas se apresentariam a partir disso.

O vento agitava as cortinas da grande janela na sala, durante todo o dia era desnecessário a luz elétrica, pois a iluminação natural tinha toda a liberdade para correr por todo o escritório. A porta de madeira e a mesa davam impressão de um recinto antigo, e isso foi o que Jonas logo reparou antes de se sentar de frente para Mayara. Ela colocara um copo com água na mesa para que o enfermeiro tomasse, mas ele, ainda desconfortável com o ambiente, recusa.

- Bom, estou aqui devido à insistência de Leandro, que me indicou você como uma das melhores psicólogas de São Paulo. – Jonas declara.

Mayara interage com um sorriso:

- Conheço Leandro há algum tempo, e uma das virtudes dele é elevar as pessoas. Pode ter certeza que muita coisa é exagero por parte dele! Mas me fale sobre você... Quando não está no MediVida o que faz? O que gosta? Mora com quem?

- Eu moro sozinho, no tempo que me resta gosto de assistir séries na TV.

- E sua família? – Ela questiona.

- Eles são do Rio de Janeiro. Me separei deles com meus dezoito anos devido ao extremismo religioso.

- Você acredita em Deus? – Mayara tentando conhecer mais sobre seu paciente.

- Já tive muita fé, hoje não sei mais!

Jonas começa a se impacientar naquele interrogatório. A psicóloga oferece novamente água para beber. Ela continua.

- Então, você é enfermeiro, trabalha muito e nas oportunidades que tem assiste seriados. Tem amigos ou mesmo colegas para sair? Você gosta?

- Não gosto de me relacionar com as pessoas.

- Por quê?

- Aprendi que quanto mais longe elas estiverem, menor a chance da desilusão.

- Você já foi desiludido?

- Sim.

Jonas, de impaciente agora se sente angustiado por entrar em tal tema. Mayara percebe e pede para que ele se sinta à vontade para falar do que quiser.

- Estou preso a um sentimento que não passa, não consigo me desprender.

- Me fala um pouco mais...

- É uma amiga. Cresci junto com ela. Ela veio morar em São Paulo. Quando me mudei para cá, nos reencontramos. Minha admiração e paixão foram aumentando a cada

contato, mas ela está prestes a se casar.

- Ela sabe que você gosta dela?

- Eu já tentei tocar no assunto, só que ela sempre levou no sentido de irmandade.

- Entendi. Assim acabou criando trauma de se relacionar... – em um tom mais incisivo a psicóloga.

Jonas estava naquele consultório por insistência de Leandro. Porém, o enfermeiro já tinha uma opinião formada sobre o seu próprio estado mental, não precisava de ajuda, assim pensava.

- Você se sente infeliz? – Mayara questiona.

- Talvez! – É a resposta franca de Jonas.

- Você reconhece que não consegue superar um amor desiludido, também percebe que não tem motivação o suficiente para nada. Isso é muito importante. Eu gostaria de te indicar alguns livros... Podemos começar com Augusto Cury.

Jonas interpela a doutora.

- Já conheço o autor. Detesto autoajudas!

Mayara cuidadosamente diz:

- Você precisa se ajudar, não posso te ajudar sem o seu esforço.

Jonas se irrita de vez:

- Eu sei, só vim aqui para dizer ao Leandro que ele está enganado. Não preciso de ajuda! Vocês são uma farsa, curam pela fé e se aproveitam daqueles que querem acreditar!

Mayara surpresa com a tonalidade agressiva e repentina do enfermeiro responde:

- Você diz que não precisa de ajuda, mas suas atitudes demonstram desespero por uma salvação!

Jonas apanha o copo da mesa e bebe a água. Levanta-se da cadeira e dando as costas para a psicóloga se dirige à saída. Mas antes de abandonar a consulta diz:

- O jogo de palavras: paciência, tudo em seu tempo, ou cada um tem o que merece; não funciona mais comigo! Seja qual for a resposta, você não a tem!

Ele bate a porta.

As seringas jogadas no chão no apartamento de Lidia contradiziam tudo o que se espera de uma profissional da saúde. Mas naquele momento, ela não se importava mais com isso. Havia saído correndo de casa para o bar, precisava se distrair e ver pessoas, não entrar em desespero com a ligação de Natália que informava estar doente e que Lidia também precisava fazer o exame.

No meio tempo em que fez o pedido para o garçom e ficou sozinha na mesa, ela chorou. Lidia chorou amargamente. A enfermeira até quis provocar tudo aquilo, seringas compartilhadas e o relacionamento aberto que poderia trazer todos os tipos de doenças. Mas qual delas foi que passara AIDS para a outra? Essa era a principal pergunta de Lidia, que olhava o bar sujo e mal iluminado, vazio. Sozinha, abandonada por Natália, agora precisaria passar por aquela situação sozinha.

Em outro ponto da cidade, Aline estava caída no tapete da própria sala, em choque, atordoada e assustada pela reação do marido. Leandro, em mais uma discussão com a esposa, só que diferentemente das outras brigas, empurrou a mulher depois de socar a parede.

- Você deveria ser mais agradecido pelo que eu fiz por você, seu negro! – diz Aline caída no chão.

Leandro saiu furioso de casa e a sua esposa sem saber como reagir pôs-se a chorar. A parede de gesso e caprichada da sala, agora tinha a marca da violência doméstica.

TÃO JOVENS!

As mãos dele batiam na água fazendo com que as gotas saltassem para fora da piscina, após mergulhar e, do fundo da piscina emergir novamente, ele com os braços abertos grita:

- Como os vencedores são chamados?
- É campeão! É campeão! - A galera, fora da piscina, cada um com sua bebida, responde com o grito de guerra.

Will nada até a escada para sair da água, agarrando o corrimão e dando o primeiro passo ao degrau, sente tontura, a sua visão tornar-se lenta e escura. Cerca de trinta jovens, moças e rapazes vêm ao encontro dele para continuar a comemoração. Mas, por um instante, Will se sentiu desconfortado. "Acho que estou bêbado... Não, eu não estou bêbado!".

A namorada dele se aproxima, eles se beijam. Ele sobe a escadas e agora era a hora de apostar quem aguentava beber mais copos de whisky. O motivo de tamanha comemoração devia ao título de futebol de salão que conquistaram à tarde. O gol decisivo de Will no último minuto mudara totalmente o que se esperava para o jogo. E aquela noite fazia parte do troféu dos vencedores.

Poucas pessoas levaram seus namorados ou suas namoradas, mas Will fizera questão de estar com Isabella. E isso foi o declínio daquela noite em festa.

Cadeiras e mesas posicionadas próximas a enorme e profunda piscina, o ambiente era iluminado apenas por dois refletores, tornando assim, alguns lugares escuros. Nos pontos em que era possível enxergar, a fumaça da maconha embaçava a visão. Quando Isabella deixou Will sozinho na cadeira e foi buscar a toalha no quarto, o jogador voltou ao estado de inquietação. "Estou bêbado... Não, eu não estou bêbado!".

Em outro ponto da cidade, havia uma pessoa se sentindo muito estranha também. Com uma mulher beijando-o, deitada ao seu lado e ambos despidos. Leandro se perturba "Estou preso... Não, eu não estou preso!". Mas a boca macia de sua esposa deixava-o sem vontade para pensar. Ele podia sentir e satisfazer-se com o corpo branco e liso de Aline totalmente entregue, pedindo desculpas pelos desentendimentos do casamento.

Will profere algumas palavras desconexas, de modo que, todos escutaram e caíram na gargalhada. Tamires após a tragada no cigarro desafia a si mesma em saber o grau de embriaguez do colega. Ela senta no colo de Will. O rosto virado para ele. Os cabelos cacheados da morena caem sobre seu ombro e ele não hesita em agarrar os seios dela e elevar a língua para dentro da boca de Tamires.

Aline Steinvascher percebia a excitação do marido, e quando a boca dele deslizava do pescoço até as suas coxas, ela coloca a mão na cabeça do marido e aperta para dentro de si e provoca-o "você lembra como nos conhecemos?".

Isabella com o sorriso no rosto trazia a toalha cor laranja para o namorado, mas quando no meio do caminho o avistou com Tamires, se desfez do sorriso, da toalha e até

de uma pulseira que tinha ganhado de Will. Jogou tudo na piscina. Saiu chorando de dentro do Clube. Todos ficaram tensos diante do acontecido e Will imediatamente correu atrás da namorada.

No hospital Medivida, Jonas estava sentado vendo o sofrimento de Lidia em segurar um envelope fechado. Ela não queria falar o que acontecia. Por todo o dia se emudecera e o silêncio naquele corredor seria quebrado apenas na chegada de André pedindo pressa aos enfermeiros. Eles tinham uma ocorrência emergencial.

- Jovem 24 anos, ferimentos graves e está inconsciente. – André antecipa a situação aos enfermeiros.

Will sente o seu corpo mais pesado do que o normal, quando pôs a mão no ombro de Isabella, viu essa se desprender bruscamente e correr. O jogador não teve tempo para nenhuma reação, sua namorada havia sido pega em cheio pelo Renault preto que atravessava a avenida em velocidade.

A ambulância chega ao local. Will desesperado entra no carro com a namorada inconsciente e ferida. A equipe médica tem como preocupação as batidas cardíacas e a frequência respiratória de Isabella. O traumatismo craniano e fraturas seriam tratados como prioridade posterior. A jovem tinha que aguentar e chegar com vida ao hospital. Will leva as mãos à cabeça e não consegue acreditar no que acontecia.

Ao chegar ao hospital a maca é transferida do veículo para a UTI.

Will acompanha Isabella até o ponto em que Jonas estende a mão e proíbe a entrada. As portas se fecham. O jovem senta-se e chora.

Algumas horas mais tarde, quem sentaria naquela mesma cadeira e choraria era Lidia após a abertura do

envelope com o resultado de seu teste para HIV. A jovem desaba em lágrimas, lágrimas que há tempos não caia de seus olhos.

André, quando se certificou de que a paciente tinha estabilidade para aguentar e sobreviver àquela noite, saiu do hospital em direção ao culto de sua igreja. Quanto a Jonas, pegou o celular e ligou para Leandro, mas ele não o atendeu. Aline investia sexualmente no marido para assim cativá-lo.

Do jaleco branco para o terno e gravata, dos diagnósticos físicos para os espirituais, André ainda sentia-se médico mesmo fora do hospital, e o remédio era sempre a palavra de esperança.

- A paz do Senhor, igreja! Hoje vamos falar sobre a traição...

TÃO JOVENS!

Anoite tinha uma temperatura fresca, o barzinho da Vila Madalena estava cheio, algumas cadeiras e mesas haviam sido postas na calçada para que atendesse todos os clientes. Em um pequeno espaço, Cássio, Daniel e Renan posicionavam seus instrumentos musicais para iniciar o show. Tinham no repertório músicas de Spoon, AC/DC, Aerosmith, Avril Lavigne, Bon Jovi, Green Day e Nickelback.

Mas após a primeira batida de mão nas cordas da guitarra, só o que se pôde ouvir foi a sirene da ambulância que, rapidamente, estacionava na entrada do bar. Daniel, pele clara e cabelos compridos, roupas características do estilo rockeiro, desaba ao chão ainda na introdução da música "GotNuffin" de Spoon.

Ao posicionar a guitarra em seu corpo e fixar o olhar para o público, sentiu dificuldade para respirar. Voltando os olhos para os próprios dedos, notou estarem roxos. Antes mesmo de conseguir tocar o ombro de Cássio, apagou.

A ambulância já estava perto do local quando foi emitido o chamado de socorro. No tempo de percurso os enfermeiros discutiam dentro do veículo sobre o assunto "coincidência ou predestinação".

- Se ele não morrer hoje podemos dizer que é o destino! Tudo colaborando para que ele sobreviva, nossa unidade a menos de 2 km no exato momento em que o jovem passou mal. – André tenta puxar assunto.

Leandro contesta o médico:

- Destino nada! É só mais um playboyzinho viciado em heroína. Em predestinação, nós não temos poder de escolha, já esse maluco escolheu abusar das drogas e como consequência teve overdose!

Lidia, fragilizada desde o susto com a possibilidade em ter AIDS, apresenta sua opinião de forma gentil e muita próxima a de André, a quem sempre gostava de afrontar.

- Então, você quer dizer que ter conhecido a sua esposa, exatamente no momento em que ia desistir da faculdade, foi o acaso e não o destino?

Tanto Leandro quanto Lidia tinham uma parcela de razão. O jovem de classe média, inconsciente no meio do salão de um bar, podia ter uma realidade diferente, se não houvesse se intoxicado com mistura de drogas em seu organismo. Já Leandro, era como Lidia havia descrito, ele conheceu Aline, que revolucionou sua vida.

Leandro, homem negro, crescido na periferia, de família marginalizada, tentava fazer a graduação em enfermagem, porém no último ano de faculdade ficou desempregado, desistiu. Aline Steinvascher cursava administração no andar acima. Conheceram-se em uma festa de fim de semestre e o contato se manteria mais íntimo no ano seguinte.

A filha do diretor do hospital Medivida se prontificou a pagar o curso para o namorado e a única coisa que Leandro precisou pagar tinha por preço: o casamento. Eles se casaram alguns dias depois da formatura de Aline. O enfermeiro mudou drasticamente o seu círculo social, abandonou o pai e a mãe com os seus irmãos mais novos. Leandro não

suportava mais o consumo de drogas na frente do portão de sua casa, tampouco ver a molecada de seu bairro com revólveres na cintura.

Da visão dos barracos com algumas telhas remendadas, dos moleques sem camisa, bermuda e chinelo, Leandro passaria agora a ver um enorme jardim com flores regadas diariamente por um jardineiro. Do cheiro de esgoto que subia e adentrava a sua janela, para o sentir da brisa fresca trazida pelas macieiras. O enfermeiro havia ganhado outro mundo, porém isso lhe custou à própria liberdade.

Leandro não podia mais falar palavrão, voltar à comunidade que morava, pois seria assaltado e nem mesmo escutar rap. Aline o havia domado, desde o toque de celular às suas vestimentas. Quando definitivamente Leandro se cansou da esposa e decidiu se divorciar, ela engravidou. A partir daquele momento ele tinha três opções: ter o filho e manter o casamento, ter o filho e se divorciar ou convencer Aline do aborto, esse último, o mais improvável.

André carrega a maca com Daniel deitado, inconsciente, para a ambulância e se reserva ao pensamento "Tomara que não seja o destino desse jovem ir para o inferno." Os companheiros do guitarrista tentam avisar a família sobre o acontecido.

A ambulância corre pelo o asfalto.

- Vou ministrar uma dose de dopamina! – Avisa Jonas.

André monitora os batimentos cardíacos, enquanto Lidia e Leandro ficam sentados na bancada. Leandro olha para Lidia e retoma a conversa:

- O acaso é mais interesse que o destino, sempre! Se você acredita em destino, é conivente com uma "força maior" regendo a nossas vidas, alguém que brinca conosco como meros bonecos. Se você acredita nisso, está aceitando a ideia de que o universo lhe obrigou a ser estuprada pelo

próprio pai.

Lidia se irrita:

-Você está confundindo as coisas!

Quer confundindo os assuntos ou não, Leandro evidenciava o passado da jovem enfermeira. Era amarga e triste a história que Lidia queria esquecer. Ela teve uma infância normal até os nove anos, mas um dia, quando chegou da escola e se deparou apenas com o pai em casa, ela foi sexualmente abusada.

O primeiro abuso foi a abertura para os futuros que se estenderiam até os quinze anos da garota. Quando Lidia teve coragem e falou com a mãe, obteve uma reação inesperada dela. Com um tapa no rosto, a adolescente definitivamente decide fugir de casa. A futura enfermeira ainda ficou um ano morando com a tia, e assim que conseguiu entrar na faculdade, conheceu uma galera e decidiram morar juntos.

Morar em um apartamento compartilhado lhe trouxe todos os tipos de experiências, desde social até sexual. Lidia se envolveria com mulheres, homens ao mesmo tempo, ela odiaria qualquer tipo de moralismo. Quando conheceu Natália, se envolveu de forma diferente, a ponto de acreditar que poderiam ter uma família. Só que Lidia nunca teve uma família e agora, Natália com AIDS estava fugindo.

Mas essa fuga iria durar somente até o dia seguinte...

10

FAMÍLIA

Os olhos dela estavam inchados, seu rosto choroso durante todo o dia evidenciava o luto. A pele lisa de Marina e, naquele instante, gélida devido à garoa que caia desde o início do velório de seu tio; pôde contar com uma mão quente em seu ombro. As mãos do médico André, seu esposo, que estava do seu lado desde a primeira hora do comunicado de falecimento de Erick.

André havia iniciado o tratamento para combate do câncer, mas a quimioterapia causava mais dor e cansaço em Erick do que propriamente a cura. Agora, a sobrinha mais próxima do velho chorava junto ao caixão.

Na noite anterior, após terminar a visita de rotina ao paciente, André arruma a mochila, dirige-se a porta de saída.

- A químio não está dando certo, não é? - Erick pergunta com a rouquidão que lhe resta.

- É um processo lento Erick... - tenta amenizar a preocupação do tio da esposa.

O velho tosse e em seguida, pede água. Ele ainda continua a falar:

- Marina foi tudo para mim. Em todos os momentos, o apoio que eu precisei. Sinto que não conseguirei esperar

ela chegar para conversamos. Ela é minha família. Se Marina realmente pensa e acredita em Deus como você... Ainda nos veremos em outra vida, não é?

André sorri e confirma que sim, se reencontrarão na vida eterna.

O velho fecha os olhos, suspira. Sente uma dor profunda, mas depois se acalma definitivamente. O médico pega o telefone e informa o óbito à mulher, que estava a caminho do hospital.

Para aquela noite, quinta-feira, a situação exigia de André o seu exercer de pastor e não mais de médico. A própria esposa agora era quem necessitava de cuidados. Pensando assim, ele desligou o celular corporativo da Medivida e, devido a isso, não saberia a gravidade da situação que sua subordinada e enfermeira Lidia estava prestes a passar.

Lidia não contava com uma família e quando viu a possibilidade de projetar suas fragilidades e carência emocional em Natália, assim o fez. Só que Natália, agora com AIDS, havia se trancado dentro do apartamento. O gás vazando a fez desmaiar poucos minutos depois de ela mesma ter cortado a mangueira.

Desesperada, Lidia tenta arrombar a porta, mas não consegue. Pega o celular e disca o número de André, mas cai na secretaria eletrônica. Ela corre pedindo ajuda aos vizinhos, até que um lhe atende e ambos voltam à porta de Natália para derrubá-la com um machado.

Logo após o arrombo da porta, Lídia vê Natália desacordada no tapete da sala. O vizinho corre para a prevenção do incêndio na cozinha.

A enfermeira arrasta o corpo da namorada para fora do apartamento, deitando-a no corredor e sob a sua pele desliza uma toalha umedecida. Lídia angustiada vê Natália vagarosamente abrindo os olhos desorientados.

- Estou com vergonha! Medo, tristeza, sem fé. Por que não me deixa? Eu poderia ter contaminado você, Lidia... - chorosamente diz Natália.

Com lágrimas caindo sob os lábios, Lidia rebate as palavras da namorada.

- Você não está sozinha e eu não te deixarei! Desde o início quando me envolvi com você, soube do perigo que eu podia correr ao compartilharmos as mesmas seringas, mas eu nunca liguei para isso.

A enfermeira beija a boca de Natália:

- Eu e você somos uma família e passaremos por isso...

As duas abraçadas choram no corredor.

A chuva aperta do lado de fora. E em outro lugar, havia pessoas que também estavam tristes. André beija a esposa e ressalta nos ouvidos dela que são uma família. Eles se abraçam. Lidia tentava consolar Natália, a sua família; André fazia o mesmo com Marina e seus filhos.

11

PARA SEMPRE

As épocas da vida passaram todas em um final de tarde. Da janela, ele conseguia ver o verão aquecendo o jardim onde seus netos brincavam. Geraldo se recorda do seu próprio passado até aquele exato momento que vivia. A lua-de-mel com a esposa, os lençóis bem forrados que, pela manhã, seriam desfeitos da cama. O velho de setenta e três anos sorri com tais lembranças.

Com a prancheta na mão, Jonas segurava a ficha do paciente. Geraldo Antunes de Oliveira, setenta e três anos, estava sendo transferido do hospital Cruzeiro do Sul para a unidade do hospital Medivida. O aposentado estava com câncer terminal. Os esforços da família para que lhe prorrogasse mais a vida fez com que fosse transferido para outro hospital. A ambulância corre pelo o asfalto.

Geraldo via sua esposa com a colher de jardineiro mexendo na flor de Três Marias, ela sorri, rega a planta e acena dizendo "está tudo bem". Em contrapartida, o que não estava muito bem era o estado clínico dele. A ambulância corria, quando esse teve a primeira parada cardíaca. As rodas do carro deslizavam pelo o asfalto, as mãos de Leandro se apressavam em massagear o peito do velho.

Jonas veio com o desfibrilador. Leandro se afasta, regula a tensão das placas e vê o colega tentando salvar o moribundo. O telefone de Leandro toca Chico Buarque nessa hora: "Como é difícil acordar calado, se na calada da noite eu me dano, quero lançar um grito desumano, que é uma maneira de ser escutado." Ele se vira até o banco para pegar o aparelho.

- Alô!

- Leandro, sou eu o Elieser! Estou com o Misoprostol que você pediu... Mas cara, você não vai levar isso a sério, vai?

- Faz o que eu te pedi... Do resto eu me viro! – enfatiza Leandro.

Leandro desliga o aparelho e deixa cair no bolso do jaleco. Ao virar para ajudar Jonas com o paciente, vê esse retirando a máscara de oxigênio do moribundo. Geraldo, dessa forma, declinava definitivamente para a morte.

O ancião, naqueles últimos instantes escolhe acreditar nos hinos que sua mãe lhe cantava quando era uma criança e quando essa vinha lhe buscar após sua queda nas pilhas de folhas caídas. Porém, aquela experiência de paz que o aposentado estava tendo interiormente no seu fim de vida, no seu exterior, estava complicando a carreira de Jonas, o enfermeiro que consentira em retirar a máscara, matando-o.

A ambulância não mais carregava uma vida a se salvar, era somente um corpo, matéria oca que zarpava pelo o asfalto, observado por dois médicos ainda desorientados de como se apresentariam ao Medivida.

- Jonas, o que você fez?

- Eu o ajudei.

- Você matou um paciente! Eu não vou poder te encobrir nisso.

- Você faz o que bem entender Leandro! Esse senhor tocou em meu braço pedindo para que eu o deixasse partir,

eu somente o respeitei.

Leandro coloca as duas mãos na cabeça como quem não acreditasse no que estava presenciando e diz:

- Se a sua vida não vale à pena, e se você não liga por tê-la, por favor, não se projete nos pacientes achando que está libertando eles de alguma coisa ou amenizando sofrimentos!

O telefone de Leandro toca novamente Chico Buarque, interrompendo assim o sermão que ele estava dando:

- Alô! Estou numa emergência, fala logo!

- Leandro, eu só quero confirmar o jantar das oito e meia – Aline, a esposa ao telefone.

- Sim! – Confirma o enfermeiro.

Jonas revida e enfrenta Leandro.

- Eu até posso ter errado na ética, mas o meu princípio foi escutar o que esse homem queria nos últimos momentos dele. Mas e você Leandro, o que pretende solicitando desvio de remédio para aborto? Você vai abortar o próprio filho? Você está sendo muito previsível!

A ambulância adentra o pátio do hospital. A sirene ensurdecedora convoca mobilização dos médicos para a abertura das portas da UTI. André coloca as luvas e corre em direção à ambulância. Lidia segue um pouco atrás. E, antes mesmo que as mãos do médico pudessem alcançar as travas da porta por fora, ela é aberta por dentro. Em um ritmo lento, Jonas desce da ambulância sem falar nada.

André não entende quando Jonas passa sem dizer qualquer palavra e segue até o banheiro onde pega sua mochila. Leandro sentado dentro da ambulância continua ao lado do corpo de Geraldo, porém suas angústias não eram mais a morte daquele paciente.

"Será que meu plano está tão evidente assim? Lidia, André, perceberam os meus últimos telefonemas encomendando as cápsulas para aborto? Será que Jonas está certo?".

As inquietações do enfermeiro foram interrompidas a partir das perguntas do seu superior, André.

- Leandro o que está acontecendo? O que houve com o paciente? Com o Jonas?

Lidia no lado de fora da ambulância observa o colega indo embora com a mochila nas costas.

Leandro com medo de que Jonas falasse sobre o Misoprostol, decidiu não falar o que realmente houve dentro da ambulância e só relatou até a parada cardíaca que veio a ser fatal na versão do enfermeiro.

Os outros enfermeiros carregam o corpo do falecido para a fora do veículo. Leandro decide ficar dentro da ambulância por um tempo, precisava retomar a tranquilidade do plano para o jantar especial com a esposa naquela noite.

12

ESSA NOITE

Ambulância dispara na avenida, a sirene grita indicando que uma pessoa está na fronteira que separa a vida da morte. Os carros abrem caminho para a ultrapassagem da UTI Móvel. Ela cruza o farol vermelho, fazendo com que até quem estava em sinal verde parar. Contudo, chegando ao local, não havia mais nada a ser feito.

- Jonas está morto! – Lidia arrasada informa André.

Horas antes...

O celular de Jonas tocava de minuto em minuto. André tentava o contato para saber o motivo da falta no trabalho do colega naquele sábado. O enfermeiro estava decidido a levantar da cama somente após o meio-dia e nenhuma ligação atenderia. As horas passavam rápido demais... Dez, onze, meio-dia, uma, duas horas da tarde. Ele se ergue da cama, mas se sente mais cansado do que quando fora dormir.

Ele lava o rosto, não escova os dentes e como tinha o costume de dormir despido, volta do banheiro para o quarto, veste uma camisa social azul por fora da calça jeans e calça seu tênis Olympikus. O telefone tocava mais uma vez, e quando ele pegou para ver quem ligava, o celular o lembrou da data daquele dia: 25 de agosto – casamento de Rafaela.

Para aquele sábado, o enfermeiro havia decidido duas coisas: não ir trabalhar e nem ir ao casamento. Ele teria mais tempo para fazer o que gostava: assistir um seriado pela netflix, jogar videogame, se prender a infelicidade amorosa, ouvir música. E assim, começou a viver às três horas da tarde.

Ligou a TV e começou a assistir "House, M.D", viu dois episódios e não estava mais com paciência para aquilo, ligou o som quando tocava Peter Gabriel "My body is cage" e ficou embriagado na solidão e tristeza em seu apartamento. "Em algum lugar deve estar tendo festa", pensou. E isso fez com que saísse de casa à procura de felicidade.

Na rua, Jonas realmente encontrou a felicidade. Viu na praça um casal abraçado e jurando amor, crianças sorrindo ao descer pelo escorregador, outras se balançando nas cadeiras de balanço. E quando chegou ao bar, mais felicidade ainda... Os clientes comemoravam o título nacional do Corinthians, após um grande jogo contra o Atlético Mineiro.

O enfermeiro começou a beber cerveja às cinco da tarde e a cada minuto que passava naquela cadeira, ia aumentando a quantidade no copo e misturando as bebidas. Às oito horas pediu a bebida mais forte que pudesse ter no bar. Agora era o uísque que tinha a permissão de lhe descer a garganta. Jonas mal conseguia abrir os olhos e ficar em pé. Chamou o balconista e perguntou:

- Para onde você acha que eu deveria ir agora?

O balconista percebendo a conversa de bêbado quis se livrar rapidamente:

- Eu não sei, talvez para a sua casa.

Jonas riu e, cambaleando, saiu do bar.

A rua estava vazia, o caminho que faria era totalmente reto até chegar ao prédio onde morava. Nesse momento, começariam os seus delírios. A longa estrada, diante de seus olhos se transforma em um tapete vermelho, as calçadas

escuras daquela rua se tornam bancos cheios de pessoas, que em pé aplaudiam a entrada dele, o noivo de Rafaela. Em passos lentos, ele vai chegando até o altar.

Após muitas quedas e a dificuldade, chega ao 13º Andar, no seu apartamento. E exatamente quando o ponteiro cravava nove horas, na igreja onde Rafaela estava se casando, o pastor fala do amor e cuidado de Deus que prepara tudo para os seus filhos. Jonas, caído de bruços no sofá começa a gargalhar... Não acreditava em mais nenhum discurso.

Ele levanta, abre a porta da varanda e caminha em direção ao guarda-corpo. Sente o vento gélido em seu rosto, no mesmo momento em que, na igreja, Humberto sente a boca de Rafaela. Jonas se equilibra em cima do guarda-corpo, era tirar um pé e cair de uma altura de 39 metros. E em outro cenário, um buquê jogado por Rafaela caia após atingir a altura de dois metros.

Na igreja, todos abençoavam em nome de Deus aquele matrimônio, enquanto um suicida estava amaldiçoando a própria vida. Jonas não acreditava mais em Deus, ou em qualquer coisa que pudesse lhe dar esperança... E assim, o enfermeiro pulou. Não teve tempo para gritar ou sentir medo, a queda foi rápida e irreversível.

A sirene da ambulância continuava ligada, a polícia isolava a área, os curiosos chocavam-se com a cena. Os colegas de Jonas estavam desolados, André olhava para cima e perguntava a Deus o motivo daquela tragédia. Lidia chorava e questionava a si mesma se poderia ter evitado o suicídio do colega. Leandro era o único que não estava no local. Aline, sua esposa, estava na emergência do Medivida correndo o risco de perder o bebê. Ele a acompanhava.

Um suicídio... Um aborto... O início dos problemas de um hospital particular em São Paulo começaria a ser evidente a todos...

Continua...



diegosouza.juntos25@gmail.com
11 98055-5827 / 98376-1715 / 3911-6729
www.juntos25.com

CONFISSÕES é uma série de textos que relata a rotina de trabalho de uma equipe de enfermagem que atende emergências em ambulância. A cada episódio a interação da equipe com os pacientes vai mostrando a faceta de suas vidas.

Doze capítulos que retratam a mentalidade desse século, as contradições, os conflitos sociais e ideológicos. Temas como: Religião, Ateísmo, Amor, Ódio, Família, Depressão, Corrupção e Hipocrisia, estão atreladas às histórias dos personagens. Pessoas reais em um ambiente fictício... Uma ambulância é chamada às pressas, algo grave ocorreu...

WILKER DOS SANTOS

Produtor de conteúdo digital, Desenvolvedor de sistemas, Escritor e Torcedor do Timão.

